

Estão lembrados do acidente com o césio 137 de Goiânia, onde morreram várias pessoas, devido o dono de um ferro velho ter aberto um aparelho de RAIOS-X?

Pois bem... Antes de começar a contar o fato ocorrido comigo, para que vocês possam entender melhor o acontecido aqui, vou descrever mais ou menos como é a minha região.

Eu moro em uma cidade chamada Bagre, localizada em uma ilha que tem em média oito mil quilômetros quadrados, na região do baixo Tocantins, porém bem próximo do Arquipélago do Marajó. Meu município está próximo das cidades de: Curralinho, Oeiras do Pará, Breves, Melgaço e Portel. O transporte para chegar aqui é somente via marítima, levando em média 12 horas de Bagre a Belém, Capital do Estado. Aquele que tiver um pouco mais de curiosidade recomendo que pesquise no mapa e terá mais informações deste município.

No período em que aconteceu o acidente em Goiânia, a Petrobras estava fazendo pesquisas no município de Curralinho com equipamentos de perfuração, sondagem de solo, entre outros.

Nesta mesma época era muito comum haver regatões (TIPO DE COMÉRCIO QUE SE FAZ EM EMBARCAÇÕES), fazendo seu trajeto Bagre - Curralinho, Curralinho – Bagre, levando mercadorias e trazendo produtos, como por exemplo: PALMITOS DE AÇAÍ, para serem industrializados aqui em Bagre. Então, as coisas eram muito difíceis, o telefone funcionava em um posto da Telepará e para se conseguir uma ligação era necessário tempo e paciência, a energia elétrica era mantida pela prefeitura, muito precária e funcionava das 18h00min às 22h00min, portanto não tínhamos energia elétrica durante o dia, apenas aquelas pessoas que tinham um poder aquisitivo melhor possuíam um conjugado de energia (BENDITA PRIVATIZAÇÃO QUE OBRIGOU AS EMPRESAS A COLOCAREM ENERGIA E TELEFONE EM TODAS AS CIDADES BRASILEIRAS). Hoje nós temos energia e telefone 24 horas.

Havia muitas serrarias com conjugados próprios e eu prestava serviços de manutenção nos geradores e motores elétricos em geral. Nos tempos de folga ficava trabalhando em minha oficina, tipo ELETROELETRONICA ou faz tudo. (GOSTAVA DE MONTAR UM TRANSMISSOR DE FRI!). rrsrrsrs!

Acredito que com todas essas informações já é possível ter uma idéia de como eram as coisas por aqui.

Certo dia eu estava em minha oficina por volta das seis horas da tarde quando chegou um amigo chamado Clodival que trabalhava como regatão na região de Curralinho, ele trazia nas mãos um objeto, ao qual ele chamava de bateria e perguntou-me se eu poderia recarregá-la. Peguei o objeto de suas mãos e comecei a observá-lo, que para mim nada tinha de bateria, era algo cúbico, com os quatro cantos arredondados, muito bem lacrado com parafusos tipo allen, muitos parafusos! O lado superior era dividido em quatro partes e cada divisão tinha conectores, a coisa toda era feita de alumínio, como disse, muito bem aparafusadas tanto a parte superior quanto a parte inferior.

Depois de analisar a coisa e não entender o que era, falei ao Clodival: - isto não é bateria!

- E então o que é isso? Falou o Clodival.

Então eu respondi: - não sei não! É teu este negócio?

-Não, não é meu! Um senhor lá no município de Curralinho me pediu para trazer, dizendo que era uma bateria. Tu achas que é? Disse Clodival.

E eu lhe disse: - Rapaz! Se eu tivesse a chave do tipo deste parafuso, eu iria abrir e ver o que tem aí dentro, só assim é possível ter uma idéia do que se trata, porém não tenho.

Clodival já de saída me disse: - Faz o seguinte, fica com ela, consegue a chave, abre e quando eu chegar de viagem eu venho aqui contigo, tudo bem?

Por falta de chave, guardei o objeto em um canto da oficina.

Passados alguns dias, chegou outro amigo, que também gostava de mexer com eletrônica, viu a coisa lá no canto, curioso, perguntou do que se tratava e eu relatei o ocorrido. Então ele disse que tinha a chave na casa dele e imediatamente foi buscar.

Já de posse da chave, começamos a abrir a coisa pela parte superior, tiramos todos os parafusos e começamos a forçar com uma chave de fenda para poder abrir, quando finalmente conseguimos, comecei a analisar e notei borrachas de vedação, aquilo tudo muito limpo a ponto de brilhar, várias placas com componentes eletrônicos, tais como: circuitos, integrados, transistores e etc. Em um canto havia uma placa separada e nela uma cápsula transparente com algo brilhante dentro, bem ao lado da cápsula estava um símbolo em forma de trevo com um enorme ponto de exclamação, indicando que aquilo era radioativo e ao lado estava escrito em letras bem grandes "CAUTION RADIATION!"

O meu susto foi imenso, dei um pulo e fiquei pálido. O meu amigo ao ver minha reação me perguntou: o que aconteceu? E eu não conseguia falar, só fazia apontar pra coisa, até que ele prestou atenção, aí ficamos os dois em pânico. Ficamos sem saber que fazer, até que um de nós conseguiu falar, ou raciocinar, decidimos que tínhamos de fechar a coisa. Pegamos duas varas de aproximadamente dois metros e com muito esforço e sincronismo, conseguimos colocar a tampa de volta, aparafusamos tudo de novamente e ficamos pensando em o que fazer com aquilo. Foi então que cheguei à conclusão que tínhamos de entregar à polícia, pois, ela na certa saberia que fazer com a tal coisa.

Naquela época quem estava assumindo a delegacia era o Sr. Melé, escrivão. Contamos todo o ocorrido e ele de prontidão disse que tínhamos de buscar a coisa e deixá-la em uma cela separada, e assim foi feito. O Sr. Melé separou os presos em uma cela nos fundos da delegacia e a coisa ficou em uma cela exclusiva e ordenou que ninguém se aproximasse daquela cela!

Amigos, desde então começou o maior rebuliço nesta cidade. Os presos queriam fazer rebelião, pois se achavam prejudicados e com medo da tal radiação. Ninguém passava nas proximidades da delegacia, pararam as brigas, intrigas, os pequenos delitos, ninguém queria ser preso naquela delegacia com medo do objeto que começaram a chamar BOMBA NUCLEAR.

Enquanto isso, o Sr. Melé ficava o dia todo no posto telefônico, ligando para o corpo de bombeiros, guarda nacional, exército, por fim Petrobras. E o pior de tudo, é que toda vez que

ele ia ao telefone eu era intimado a ir junto explicar como que era a coisa e repetia a história novamente. Como naquele tempo a foto digital ainda não existia, eu tinha que fazer um desenho de como era o objeto e bem detalhado. O negócio chegou a um ponto tão intrigante que começou a ser noticiário nos jornais da capital aqui do Pará.

Alguns dias depois chegou um helicóptero, então fui chamado à delegacia e lá estava um cidadão franzino, com uns óculos de lentes bem fortes, o qual se dirigiu a mim perguntando se fora eu quem tinha achado o tal objeto. Eu relatei tudo que tinha ocorrido desde o princípio e ele me informou que era da Petrobras e que o objeto tinha sido furtado da área de pesquisas no município de Curralinho. Disse-me também que o mesmo era um sensor, me explicou melhor o funcionamento: O objeto era enterrado e conectado a um computador, nas proximidades dele detonava-se um explosivo, também enterrado, as ondas de choques iam até o fundo da terra e ao se chocarem com alguma coisa, as mesmas retornavam e chegavam ao sensor (A COISA), que por sua vez enviava os dados ao PC. Fazendo a leitura e assim era possível melhor analisar o solo. Disse-me também que o único perigo seria se eu tivesse quebrado a cápsula que continha o material radioativo, o qual não soube me explicar o grau de periculosidade. De posse do objeto, dirigiu-se ao helicóptero e partiu.

Após alguns dias chegou o Clodival, dizendo ter vindo buscar a bateria.

Eu lhe respondi: - Rapaz, se tu soubesses a confusão que deu este negocio aqui. Então expliquei tudo a ele e o orientei que procurasse a delegacia e pedisse um boletim de ocorrência do acontecido para que ele levasse ao senhor que dizia ser o dono do objeto. Foi então que Clodival assustado me disse: Tu és doido é? Vá que eu chegue lá e me prendam? Vou não! E foi embora.

Amigos, vocês podem até pensar que é mentira o meu relato. Porém é verdade, posso ter aumentado algumas coisas para ganhar um tom cômico, mas o fato foi real.

Passado alguns dias, me deu uma grande febre!... Só que esta é outra história... Kkkkkkk!!!

Abraços,

Albino.

